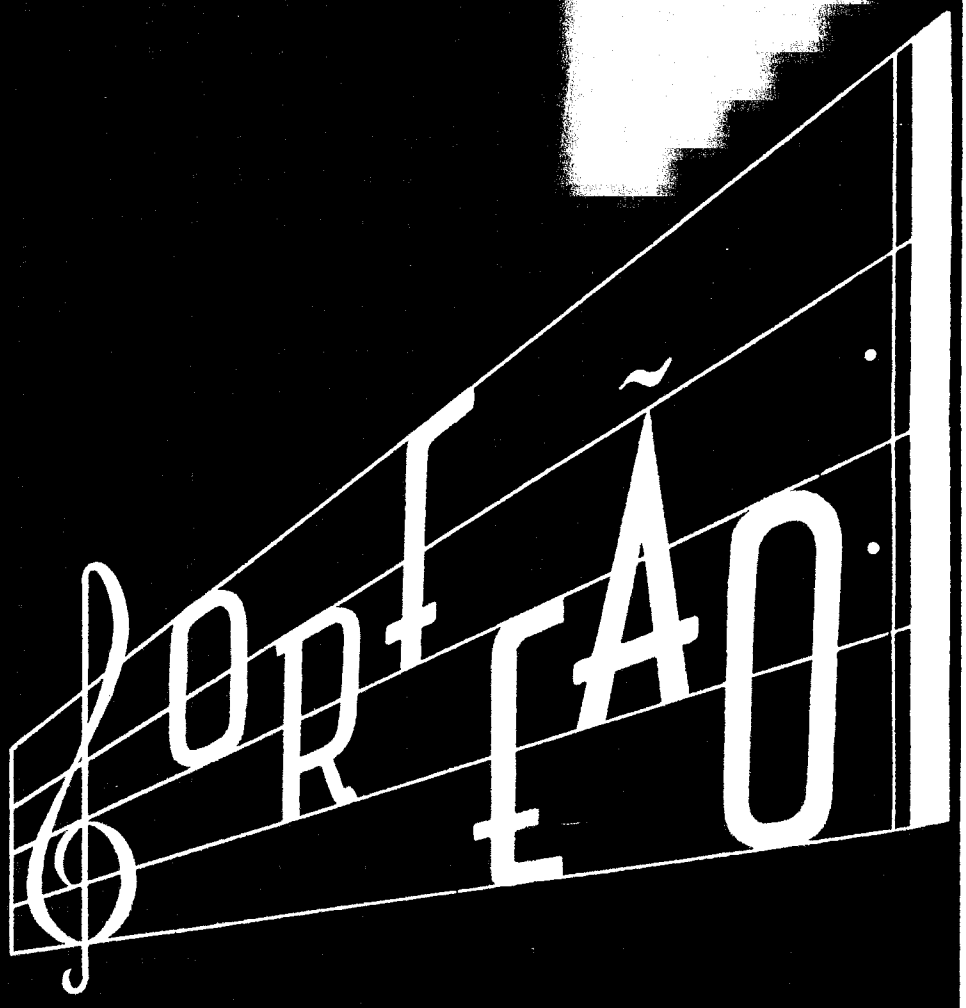
ORFEÃO UNIVERSITÁRIO DO PORTO



ORFEÃO

ANO III DEZEMBRO DE 1964 N.º 8

Publicação mensal do Orfeão Universitário do Porto

DIRECTOR E EDITOR EDUARDO DELGADO BEIRÃO REIS

REDACTOR-CHEFE ISMAEL VENTURA DE OLIVEIRA CAVACO

ADJUNTOS MANUEL PINTO LEITE
ALFREDO MANUEL ESTEVES FERRAZ DA SILVA

ADMINISTRADOR-CHEFE RUI ESTEVÃO VASCONCELOS BESSA

ADJUNTOS FERNANDO SÉRGIO SALGADO AMARAL
JOSÉ ANTÓNIO SILVA PINTO GUIMARÃES
RUI ALBERTO MOREIRA OSÓRIO

M. Alexandra Espiga Macedo

Sumário

ALGUNS ASPECTOS DA UNIVERSIDADE ACTUAL
— por J. G. Sampaio Faria ... 1

CONTO
«Férias» — por S. R. ... 12
«A Boneca» — por Duarte Manuel ... 5

POESIA
«Morreu?» — por Chaga ... 10
«Esperança Nova» — por B. R. ... 10
«Tempestade» — por Flávio Serzedello ... 10
«Do Apelo do Não Eu» — por J. Guimarães ... 11

CINEMA
«O Plano e o Enquadramento» — por M. Pinto Leite ... 7

REPORTAGENS
«Pedículus Serás por Toda a Vida!»
— por Repôrter Besouro ... 3
«4352 Milhas com o O. U. P.» — por Tio Raúl ... 8
«Sarau do O. U. P. em Lisboa» ... 16

PÁGINA DE FOTOGRAFIA
«Concelhos úteis para tirar fotografias» ... 17

PÁGINA FEMININA
«Dernier-cri» ... 20
Sopa Aveludada ... 20
Coctail de Gambas e Camarões ... 20
Poema — por Marinha de Castro ... 20

«SER CALOIRO» — por Beirão Reis ... 6
«O PROGRAMA RADIOFÓNICO DO O. U. P.» — por Barros Leite ... 9
«CONCURSO DA REVISTA» «ORFEÃO» ... 18
DISCOS GRAVADOS PELO O. U. P. ... 15
LETRA DO TANGO «AMORES DE ESTUDANTES» ... 15
PAUSA ... 19
NOVOS DOUTORES ... 14

ORFEÃO

ALGUNS ASPECTOS DA UNIVERSIDADE ACTUAL

por

J. G. Sampaio Faria

Ao cabo de vários anos, como aluno da Universidade, ser-me-ia impossível deixar de possuir dela certas opiniões, fruto de meditação de algumas de suas facetas ou de alguns de seus problemas.

Vários foram os pontos sobre que senti voltar-se com frequência a minha atenção. A isso apenas — afirmo com honestidade —, julgo poder atribuir-lhes o pomposo título de «algus aspectos da universidade actual».

Sem pretender, focá-los a todos, por razões de vária ordem, apenas me limitarei ao enunciar de alguns deles, aditando-lhes, na medida do possível e como complemento, uma série de considerações,

Se uma Universidade pretende formar indivíduos e se essa formação se realiza pela aquisição duma cultura, quer pelo contacto com os que ensinam, quer pela convivência com os que demais aprendem, seria de esperar sobre todos os pontos de vista um óptimo resultado, de acordo com os verdadeiros fins duma Universidade. Esses fins, a meu ver, podem agrupar-se fundamentalmente em dois: por um lado, a formação intelectual e moral dum indivíduo e por outro, o seu apetrechamento em conhecimentos científicos no que concerna à sua futura actividade na sociedade. Ora, na realidade, o acesso a uma cultura ou a qualquer dos seus aspectos, concorre abertamente para um intensivo desenvolvimento intelectual, a par duma aquisição de grande número de novos conhecimentos científicos. Aquele deve originar fundamentalmente o fim formativo do indivíduo e este a eficiência e utilidade do seu futuro trabalho. Teremos, portanto, no final, um indivíduo que poderíamos intitular de Homem-técnico, homem porque saberá ser cônscio das suas responsabilidades, técnico, porque saberá tornar útil o seu trabalho. Sendo assim, se a Universidade cumprir os seus fins, tenderá a produzir e a constituir na realidade o que se pode denominar de uma élite de indivíduos. Aliás não é sem razão aparente que desde sempre se atribui à instituição universitária um valor de élite. Mais ainda, essa élite foi sempre colocada em lugar privilegiado entre todas as élites duma Sociedade. Dos bancos da Universidade saíram e sairão sempre as esperanças das Nações, o futuro das colectividades e o tipo de entendimento entre os homens.

Será porém que, para quem frequente actualmente a Universidade poderá encontrar-lhe verdadeiras características duma élite? No contacto diário e assíduo com universitários e seus ambientes, será possível encontrar-lhes facetas válidas, próprias e verdadeiras que as distingam quer doutros indivíduos quer doutros ambientes? O que poderá com verdade fazer-nos aperceber da realidade intelectual e moral do Universitário em geral?

Sem dúvida que o universitário que encontrei, não satisfaz aquilo que seria de esperar dos fins da Universidade. Se o acesso à cultura lhe abre forçosamente o intelecto às verdades e ao conhecimento, como justificar que ele se não debruce sobre si, se estude, se personalize, se torne cônscio das suas responsabilidades? Em certa latitude poderíamos definir o Universitário como o indivíduo, que apenas possui a mais que qualquer outro uma certa bagagem científica a que ele nem sequer por certo saberá dar rumo conveniente ou valorizar. A futilidade das conversas, o aspecto deplorável das paredes com escritos do mais variado teor obsceno, a preferência pelas leituras fúteis de acanhado interesse instrutivo e mal redigidas, o ódio, a incompreensão, a maledicência, o furto, entre tantas outras coisas que melhor podem atestar o paupérrimo nível intelectual e «derivados», do Universitário? A par desta imaturidade intelectual óbvio se torna evidente a falta de valores de qualquer espécie. O universitário é um indivíduo mal informado na maior parte dos assuntos de interesse colectivo, a sua trémula consciência não serve de apoio a qualquer ideia ou causa justa que se enfrente, na generalidade não distingue e confunde mesmo a noção do Belo, do Dever, da Justiça, das Responsabilidades.

Tudo leva a crer que o fim formativo da Universidade não existe na generalidade. Poder-se-ia perguntar então: não há semente, ou se ela existe não há bons terrenos? — Será sem dúvida, assunto para se meditar longamente.

Seja como for, o universitário terá um dia de ocupar uma posição na sociedade. Porque é eficiente e conhecedor da sua profissão granjeia com lógica uma certa posição de destaque nessa sociedade. Esta distingue-o. Aumentam as suas responsabilidades perante ela. Reconhecê-lo-á? Decerto que lhe será difícil e por isso, com a sua personalidade incorrecta e deformada, negativo ou nulo se tornará o todo do seu verdadeiro fim na Sociedade.

— Sociedade e Universidade ligam-se profundamente, àquela, se possui uma Universidade, se lhe atribui valor de élite, talvez espere dela algo, algo que deva ser importante e lhe minore os seus próprios males. Que o digam os governos, as populações diversas e o Mundo.

(Continua na pág. seguinte)

O Universitário e a Universidade não devem nem podem pois esquecer-se das responsabilidades que lhes cabem, por pertencerem e formarem uma élite. Na realidade há que ter presente a noção de élite como um corpo consciente de indivíduos com fins e características próprias. Essa élite deve produzir frutos e esses frutos devem ser conhecidos da sociedade, para que ela veja os seus progresos e usufrua dos seus benefícios.

Parece-me este também um ponto inexistente ou esquecido na nossa Universidade e na nossa sociedade. Que benefícios colhe esta da primeira? que dá aquela para a segunda?

Resumidamente me parece que aquela apenas dá técnicos e não Homens técnicos e esta colhe técnicos e não homens-técnicos. Isso me parece escandalosamente pouco. Onde estarão presentes as consequências do amadurecimento de vocações científicas com capacidade para acrescentar qualquer coisa ao que se sabe já? Dos nossos laboratórios químicos terão saído produtos úteis para utilização dos indivíduos ou sociedades? dos nossos laboratórios médicos sairão bons contributos para a saúde pública? Das nossas faculdades de letras e artes poderão sair verdadeiros intelectuais e artistas?

Decerto que sim, é certo que já saíram ajudas valiosas e edificantes da nossa Universidade. Deve contudo, produzir-se mais e deve também dar-se uma satisfação à sociedade, mostrando-lhe os nossos frutos para que deles se possa aproveitar.

De que advirá este mal? Como solucioná-lo? Também são teses aliciantes para se meditarem. O carácter restrito desta exposição não permite um debruçar sobre o problema, apenas me dá a possibilidade de atingir outro ponto, ponto esse que se «pega» digamos assim um pouco com o de trás.

Com efeito, falando-se aqui duma Universidade por várias vezes, convém não esquecer que «Universitas» exprime a comunidade de todos os que procuram uma cultura como aspiração a progredirem nos caminhos das verdades cognoscíveis. Dai o seu carácter de união e universalidade. Pode, contudo, parecer à primeira vista que em Portugal existem várias universidades distintas.

O universário que frequenta por exemplo uma faculdade de Lisboa, nada conhece nem sabe dos progressos ou retrocessos, em suma, da actividade que se efectua na mesma Faculdade, mas sita noutra localidade. Porto, por exemplo. Além disso sente-se o universitário imbuído duma espécie de regionalismo agudo e por vezes de moralidade negativa quando se pronuncia sobre factos passados noutros locais onde funcionem Universidades. Vive-se num isolamento a meu ver prejudicial e injustificável no nosso meio académico, o que falseia, de certo modo, o carácter de união e universalidade de todos os que se aconchegam na sombra duma cultura.

Muitas palavras seriam necessárias para procurar explicar o porquê destes factos. Duma maneira geral pode dizer-se que grande parte das responsabilidades neles englobadas cabem ao universitário, indivíduo muito pouco dado a aproveitar-se do desenvolvimento intelectual que lhe é conferido pelo contacto com as dificuldades das matérias que aprende e estuda.

Isto é importante, pois me parece utilíssimo esse aproveitamento na direcção dele próprio, primeiro e depois nas coisas que o rodeiam. Parece-me anormal que disso se não aperceba e por consequência se não debruce sobre si, sobre as responsabilidades da vida e sobre os seu maiores problemas. Por força que isso lhe não dá uma verdadeira e fiel ideia do que é viver. As suas actividades diárias parecem ser feitas de improvisos constantes, dando a ideia duma vida inconsciente, tão deplorável pelas consequências quanto possìvelmente até desprovida de encanto e interesse.

O universitário não pensa quando tinha obrigação mais do que ninguém de o fazer. Se o faz, é quase sempre duma maneira banal e deformada. Cabem-lhe enormes responsabilidades, por isso desde já e maiores ainda quando um dia mais tarde, ao ocupar uma posição na sociedade, que o distingue, tiver de dar o exemplo.

Nos dias de hoje, em que com o extraordinário desenvolvimento dos meios de comunicação, das notícias, do filme, do som, o indivíduo já não pode viver isolado, alheando-se do que se passa à sua volta. Isto acarreta-lhe mais responsabilidades e o futuro médico, professor, artista, engenheiro, técnico ou escritor, não pode desconhecer os problemas que se passam a centenas de quilómetros do núcleo social, onde desenvolve a sua actividade. Mais do que nunca, ele necessita de estar a par dos últimos progressos feitos em geral e em especial os que dizem respeito ao seu trabalho. A ciência avança a passos largos, todos os dias se modificam conceitos, se descobrem novas fórmulas. Desconhecê-los será um erro por vezes de sérias consequências morais ou materiais.

A provar esta evolução constante, basta constatar o que se passa no Mundo, observar a atenção dada por este às reuniões, colóquios, exposições internacionais, onde uns vão dizer o que sabem, outros aprender o que desconhecem, outros, mostrar o que produziram para que outros beneficiem dessas produções. Isto tem como se compreende um valor extraordinário, reveste-se duma utilidade e importância cada vez mais premente e justificada.

Porque não organizar-se entre nós periòdicamente de 3 em 3, ou de 4 em 4 anos, uma Jornada Universitária Portuguesa, onde se pudessem mostrar os frutos da Universidade e meios a ela ligados? Por exposições, colóquios, entrevistas, publicações, filmes, saraus, tornar-se-iam patentes a todos os nossos esforços, progressos e realizações. Por um lado, o Universitário consciencializar-se-ia da sua condição de elemento duma classe-élite, que ao produzir bem, mostra que é válida. Para muitos, serviria de escape ao desejo de provarem a sua capacidade; a outros servirá de estímulo para novas realizações. Por outro lado, serviria para chamar a atenção devida de todos para a importância da Universidade, em especial, para aqueles que dela possam beneficiar ou interesse conhecer.

Claro que a organização e até mesmo o valor duma jornada deste tipo, seria para muitos, de interesse discutível. Mas se pensarmos bem, talvez que os exaustivos esforços e os estudos aturados necessários a uma possível efectivação deste tipo trouxessem largas compensações e enormes benefícios à Universidade e à sociedade.

José Guilherme Sampaio Faria

Antigo Orfeonista

Inscreve-te como Sócio Contribuinte Auxiliar do OUP.

"PEDICULUS" *serás por toda a vida!...*

«Desde o caloiro tímido, hesitante,
Do grelado vaidoso e petulante,
Ao fitado com ar já Doutoral,
Nesta corrente Humana, intermitente,
Apenas tu persistes, fixe e rente,
Para a malta, alegre e atrevida,
«Pediculus» serás por toda a vida!»

Curso médico 1954-55

Quem nos últimos 50 anos tenha frequentado a Portucalense Universidade, «vivendo» o seu tempo de estudante, tem necessàriamente que relacionar o título deste artigo com o típico e académico Café Âncora d'Ouro, onde os estudantes das últimas décadas e principalmente os «doutores» pela Faculdade de Medicina, iam beber, no seu café, a indispensável coragem para suportar as aulas e a tal «elegância e descontracção» que deve acompanhar a «vítima» para aqueles «actos solenes» que são os inevitáveis exames na «alegre e descuidosa» vida dum estudante.

O Orfeão Universitário do Porto, que morou em frente durante 26 anos, tem muitas das suas gloriosas jornadas ligadas às mesas do «Piolho». Nelas se sonharam, discutiram e comemoraram as belas e inesquecíveis digressões a Espanha, a Angola, a Moçambique. Mas não é na qualidade de orfeonista que, através desta despretenciosa reportagem, pretendemos agradecer ao Âncora d'Ouro os prestimosos e amáveis favores (os nossos tesoureiros que o digam) que o O. U. P. lhe tem merecido no decorrer destes últimos anos. É que o senhor Reis Lima é também da «Família Orfeónica», pois, sendo pai de um antigo e de um actual Orfeonista, é-o também pelo sangue e pelo coração, e aos Orfeonistas que cumprem um dever não se agradece, apontam-se como exemplo.

Revista «ORFEÃO», que tem dedicado a melhor atenção ao recordar das velhas tradições académicas da nossa Universidade e que continua a lutar pela sua manutenção e respeito, pretende dar a conhecer aos seus leitores o velho «Piolho», agradecendo-lhe o calor e o ânimo que sentimos, às suas mesas, quando, nos dias tristes ou festivos, lá procurámos a recuperação duma força que nos fugia ou comemoramos mais um degrau subido, na longa e penosa ascensão que constitui a aquisição de um «canudo».

«No Piolho» os redactores da Revista «Orfeão» tomam o seu café.

Para podermos contar aos nossos leitores algo da «história» do Âncora d'Ouro, procuramos o Sr. Reis Lima que, numa breve conversa, nos disse:

«Desde 1909, que este café é propriedade da família Reis Lima, que o adquiriu já com a actual denominação. Devido à sua situação, foi sempre muito frequentado por estudantes de todas as Faculdades, mas com predominância da Faculdade de Medicina, que, então, funcionava junto do Hospital Geral de Santo António.

Foram alguns Professores da Faculdade de Ciências que lhe puseram a alcunha de «Piolho» que, divulgada pelos estudantes, se veio a popularizar entre a «malta», mas foi um grupo de finalistas de Medicina que, em 1947, altura em que se começaram a realizar as Festas da Queima das Fitas nos moldes actuais, decidiu batizá-lo «oficialmente» e doutorá-lo, colocando a 1.ª placa que ali vê:

IN HAC DOMO CARA

AD GLORIAM AETERNAM,
PASSAVIT ET VEGETAVIT
ESCULAPIUS CURSUS MCMXLII - XLVII,
IN BARBUDA MAGNUS,
Qui, saudosos, in hora evacuacionis,

«MEDICUM FORUM HONORIS CAUSA»

Eam instituit

XV - V - XLVII

Desse grupo faziam parte alguns que o «doutor» conhece: o Prof. Doutor Fernandes da Fonseca, os Drs. Manuel de Matos, Albino Aroso, Moutinho Alves, Tomás, Rui Portela, Martins Soares e outros que agora não recordo o nome.

Desde essa altura que os Cursos de Medicina «prestam homenagem ao seu café» com a regularidade demonstrada pelas 15 placas que por aí vê...»

E a conselho do Sr. Reis Lima, fomos «mexer» na memória dos mais antigos empregados da casa: o Zé, com 36 anos de «Piolho», o Alberto, com 31 e o Pereira, com 22 de contacto diário com os «doutores» e as suas «impertinências». Segundo nos disse, eles poderiam contar-nos «algumas» das que aconteceram com pessoas, hoje muito ilustres e respeitáveis.

E assim sucedeu. Foi por eles que soubemos da

existência da «fila dos Doutores» e da «mesa dos Catedráticos», locais bem definidos «topogràficamente» pela categoria dos seus habituais ocupantes — perguntem ao Sr. Alberto e ele vos dirá da sua situação e limites!

Soubemos mais... mas eles, sempre discretos, pediram para não contar... «Hoje são médicos!... Compreende».

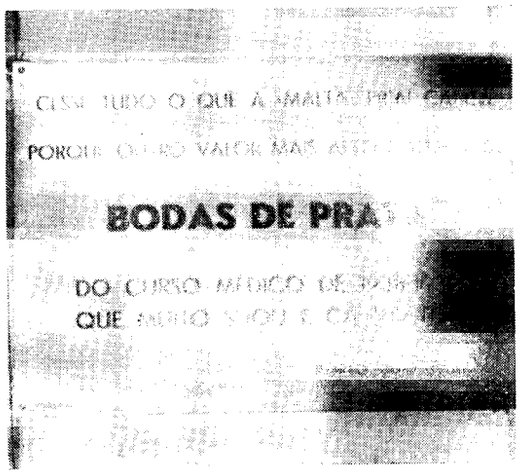
Fomos «autorizados» a contar «uma» de certo cliente, hoje distinto clínico, que para pagar a sua despesa deixou debaixo da mesa um par de peúgas! E aquela de certo senhor que o Sr. Pereira serviu na esplanada e que, ao fim de algum tempo, olhando inquieto para um bilhete que tinha no bolso, lhe perguntou: — Sabe dizer-me onde é o Café «Piolho»? Quando lho disseram, contou que um amigo do Brasil, donde viera em passeio, lhe pedira para, se passasse no Porto, fosse ao Café Piolho e lá apresentasse, em seu nome, os seus cumprimentos e saudades.

— E tive de o levar ao patrão, para que ele cumprisse a sua missão — terminou o Sr. Pereira.

O Âncora d'Ouro, o «Piolho», é o que se pode depreender destes dois episódios bem significativos; melhor dizendo, era já que o último curso a cumprir a praxe foi o de 57-63, a Faculdade de Medicina mudou para o Hospital de S. João e o tempo, implacável, encarregou-se do resto! Veio a T. V.; as mesas de vidro substituídas e a notícia, que a muitos encherá de tristeza, de que o velho «Piolho» está «condenado à morte» pela C. M. P.!

Não ficaram os nossos leitores a conhecer o «Piolho», mas talvez tenhamos despertado a vossa curiosidade e, disso estamos certos, fomos levantar a saudade em muitos dos que nos leram.

Ao «Piolho» também nós vamos dizer adeus. O nosso obrigado, tão sentido quanto o de outros que já partiram, só pode traduzir-se do mesmo modo e, para exprimi-lo, nada melhor que o «dito» naquelas lápides de mármore negro, que decoram as suas paredes, atestando a passagem de consecutivas gerações de estudantes:



Cópia das inscrições das lápides do Café Âncora d'Ouro

E vereis qual será mais excelente
Se nas aulas dormir, ou como a gente,
«In Pediculus» passar tempo esquecido
Coçando os cotovelos pelo vidro
Da mesa acolhedora...

V ano médico 1950-51

Vós que ora entrais, sabei que outros maiores,
Que os Mestres nunca olharam bem de frente,
Um dia conquistaram, sem favores,
O grau que ambicionais, ó fraca gente:
Deste café saíram tais Doutores
Sem nunca terem visto a cara ao Lente...

V ano médico 1951-52

Ouve oh caloiro ingénuo e criançola
«Que nisto de galeno estás bem cru»:
Entrega ao Mestre a sua velha escola
E manda o que aprendeste a Belzebu...
... Hás-de gritar, um dia, dando à sola:
Âncora D'Ouro, a Faculdade és tu!...

V ano médico 52-53

Se entre os estreitos limites do teu pobre intelecto
Coubesse a ideia de seis anos de tortura
Que sofremos os que hoje, já doutores
Festejam a almejada formatura,
Compreenderias caloiro vil e abjecto,
Como às vezes desolados e sem fé,
Quanta coragem cá bebemos no café!

Curso médico 1952-1958

Nestas mesas de vidro despolido
Que estás vendo, caloiro, à tua frente
Vivemos mais que um lustro, bem vivido
Sem nunca havermos tido medo ao Lente!...
Saibas tu imitar, oh vil fedelho
A imagem que deixamos neste espelho

VI ano médico 53-54

Ultimas cursi quidi in parasitibur cafédíbus acampavít,
Lançamus ad Eolos et Gentes:
Misera Ralé, que vireis depois de nós
Sabei que a estas mesas, conversando
Se formaram doutores mais sábios que vós
Enquanto, animais!... ieis marrando!

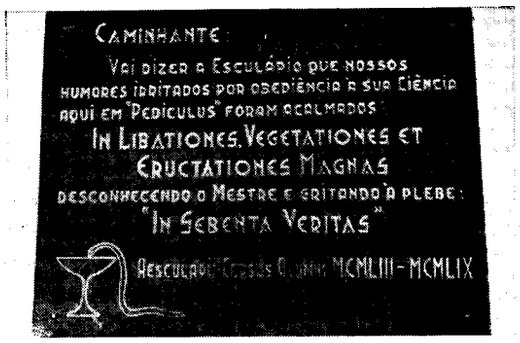
Curso médico 1954-1960

Caloiro que te buscas, que te perdes
Vendo o Doutor que ri, o lente ao ponta pé
Não entendas aquilo que se passa
Repara na mulher que já te abraça
E encolhe o pensamento no café

Curso Médico de 1955-56

Seis anos bem contados vegetamos
IN «pediculus» p'ra possuir as «amarelas»
Mas não servimos ele, servimos «elas»
Que com dor e sacrifício alcançamos
Jamais te poderemos olvidar
Pois foste para nós segundo lar

Curso médico 1956-57



Do curso médico de 1955-1961
Ao Âncora d'Ouro

Ao avistarmos-te pela vez derradeira
Oh «Pediculus» capitis saudoso
Do cimo desta íngreme ladeira
De seis anos calcurreados, tumultuosos,
Aqui deixamos coração em cafeteira
Cheia de teu café quente e saboroso!

Curso médico 1956-62

«Pediculus» café amado
Onde nos vistes estudar,
Partimos, mas és lembrado:
Nos ajudastes a formar!

Curso médico 1957-63

Repórter «besouro»

A Boneca

Cada criança é um ser insaciável, e não admira, pois, que nem todos os seus caprichos possam ser satisfeitos.

Mas eu tive um, que se não me foi satisfeito, foi mais por ser impróprio do que por outra coisa qualquer.

Quis ter uma boneca. Sim, eu rapaz queria ter uma boneca. Uma daquelas bem vestidinhas, cara engraçada, com o cabelo cortadinho e bem armado.

Este foi um dos meus grandes caprichos, mas o tempo, em sua marcha inexorável, foi passando; e eu, sem boneca, habituei-me a observá-las nas montras dos bazares.

Em meu querer, já não havia o desejo de ter uma boneca, mas sim a atitude de recordar algo de menino e moço, algo que desejara, que me fora querido.

Mas no outro dia o desejo voltou; eu vi-a. Sim, eu vi a boneca que desejara em pequeno, mas só com uma diferença, é que agora ela era de carne e osso.

Bem vestidinha, cara engraçada, com o cabelo cortadinho e bem armado, ali estava ela.

Sonho? Não, não foi.

Foi real a boneca que me apareceu, e perante a qual me quedei mudo e hirto, emocionado, em êxtase, numa contemplação sem fim.

E então desejei ter uma redoma para a encerrar. Para que, para sempre, a pudesse contemplar, embevecido.

Mas esta já não era de trapos, já não era das que se compram nos bazares.

E, todavia, como gostava de ter a minha boneca: esta boneca mais bela e perfeita, do que todas as outras que eu vi, ou imaginei em menino.

Mas quedo-me; o presente já é passado. A boneca arranjou dono...

Duarte Manuel

«Saibas tu imitar, oh vil fedelho
A imagem que deixamos neste espelho»

Café

ÂNCORA D'OURO

PRAÇA PARADA LEITÃO, 41 - TELEFONE, 23749 - PORTO

SER CALOIRO

Ser «caloiro...», eis uma situação que traz consigo uma série de incógnitas, que implica uma actuação social diferente do habitual..., uma situação aparentemente desagradável e incómoda, que cada um que a sente não sabe definir bem e, por princípio, deseja ver ultrapassada o mais depressa possível.

Ser «caloiro» não é uma situação igual em todos os meios universitários: desde o «caloiro» impessoal primeiranista duma Faculdade, imbuído de tradicionalismo praxístico e despido de personalidade própria, dado que apenas se dá valor ao conjunto abstracto de «caloiros» e não a cada um em si... até aos «caloiros» dos organismos circum-universitários que são encarados como seres que há que guiar, individualmente, atendendo às características próprias de cada um, uma distância enorme vai.

Caloiro do Orfeão, a quem dirijo especialmente estas palavras, tu não és um «caloiro» qualquer! Sentirás a tua situação, viverás durante um ano aspirando pela qualidade de Orfeonista com «O» maiúsculo e terás que trabalhar para a merecer e conseguir!

Enquanto lês este escrito, provàvelmente inquires a ti próprio: «Afinal, qual é o meu papel no meio de tudo isto?!»

Sim, é verdade! Tens um papel a desempenhar, muito importante, que te vou dizer qual é.

Caloiro, o O. U. P. adquiriu e mantém o seu prestígio graças ao esforço e dedicação de sucessivas gerações de Orfeonistas... dos tais com «O» maiúsculo! Aqueles que saem, no fim da sua vida orfeónica, não receiam, com a sua saída, perigar a existência do Organismo: confiam nos que ficaram e nos que entraram. Também os que ficam não temem que a sua dedicação seja vã, pois esperam que aqueles que entraram, os «caloiros», continuem, num futuro próximo, a levar, bem alto, o facho que há já longas décadas arde sem desfalecimento.

Como vês, caloiro, todos confiam, não no que és presentemente, nota bem, mas sim no que poderás vir a ser, confiam nas tuas possibilidades e no teu querer de as evidências, confiamos nós que, actualmente, guiamos o barco, confiam aqueles que já o deixaram mas continuam íntima e espiritualmente ligados ao O. U. P.; confiam os cinquenta e tal anos de existência do Orfeão que serão, possìvelmente, o juiz mais severo do teu comportamento!

Compreendes agora, verdadeiramente, o que vem a ser o «caloiro» do O. U. P.? Aqui, ser «caloiro» é tirocinar, apreender e aprender, colher da experiência dos «velhos» o que te falta para, juntamente com dedicação, boa vontade e carácter, estares um dia apto a ser um dos tais Orfeonistas com «O» grande. Tens que te submeter à orientação dos mais velhos para que possas, futuramente, vir a orientar também.

Como verificas, ser «caloiro» no Orfeão é uma situação positiva, trabalhosa, é certo, mas que serve para aquilatar do vosso valor potencial; na realidade, é uma oportunidade que se vos dá a todos e, como diz a parábola, «quando a seara estiver madura, fácil será separar o trigo do joio»... no entanto, esperamos que o joio nem sequer chegue a vingar!

Caloiro, só poderás conhecer, compreender e gostar do Orfeão desde que saibas ser «caloiro», desde que procures, na tua situação de aprendiz, aprender de facto; como já tive ocasião de te dizer, terás que ceder um tanto da tua própria maneira de ser para te integrares verdadeiramente no Orfeão e não te manteres como um ser aparte; verás que ser «caloiro», aqui, no O. U. P., constitui uma das mais interessantes experiências que terás ocasião de viver!

Repara, amizade e camaradagem só têm bases firmes e duradouras quando cimentadas pela colaboração mútua, pelo trabalho realizado em comum em prol de um ideal também comum. Tu, caloiro, vais conhecer esse ideal, vais trabalhar connosco, melhor, vais aprender a trabalhar pelo Orfeão.

Caloiro, quando, um dia, eu já cá não estiver e tu pensares em dedicar algumas linhas aos «caloiros» que nessa altura venham a entrar no Orfeão, reconhecerás então, pela segunda vez, que tenho plena razão!

BEIRÃO REIS

SÉTIMA ARTE

Vamos iniciar, na nossa Revista, a publicação duma curta série de artigos sobre o que se chama «linguagem **cinematográfica».**

Pretendemos com isto, ajudar de alguma maneira todos aqueles que queiram e na medidade das nossas possibilidades, adquirir alguns conhecimentos sobre cinema, já que este, se integra na vida moderna, como poderoso meio de formação artístico, cultural e moral.

Assim ser-nos-á lícito dizer:

— Tal como é vedado ao analfabeto a leitura de um bom autor, é do mesmo modo impossível ser-se espectador consciente **sem se dominar a linguagem do grande mundo que é a** «Sétima Arte».

O PLANO E O

É costume dizer-se que o plano constitui a unidade técnico-artística cinematográfica, sem dúvida uma inegável verdade, mas como talvez esta definição apanhe desprevenido o leitor menos iniciado, diremos que o *plano é aquele fragmento ou segmento de película que, quando projectado, se apresenta aos olhos do espectador como tendo sido filmado sem interrupção.*

Ao conjunto de planos cuja acção é contínua e decorre numa relativa unidade de tempo e espaço, constitui o que se chama as cenas e as sequências. Existe uma certa diferença entre elas, pelo que, as vamos definir separadamente: *Cena* é um conjunto de planos consecutivos ligados pela unidade de acção e de espaço, caracterizando-se pelo local limitado onde decorre determinada acção; a *sequência* é já uma divisão maior do filme, correspondendo, por exemplo, aos capítulos dum romance. Como é natural, cada sequência comporta várias cenas. A sua característica predominante é a unidade de acção, como se pode inferir da feliz definição, sugerida pelo filmólogo francês Cohan-Seat: «*a sequência agrupa objectos, factos e acontecimentos, situados nos mais diversos locais e «décors», mas formando um todo e centrados sobre uma acção determinada*».

Voltando ao *plano*, é necessário notar que as variações de posição ou deslocamento da câmara em relação à *cena* filmada (movimentos laterais, verticais de aproximação ou de afastamento) não traduzem uma mudança de plano as, simplesmente, *dentro do mesmo plano*, a variação de uma das suas características.

Consoante a máquina se aproxima ou afasta dos actores ou objectos a filmar, assim ela regista diferentes tipos de planos, no decorrer duma cena ou sequência que constitui um dos momentos mais importantes da criação dum filme (montagem).

Como não existe uma terminologia-tipo para designarmos diferentes variedades de planos, vamos definir os mais frequentemente utilizados:

Grande plano (G. P.) — mostrando só o rosto do actor que enche todo o «écran» (dá-se o nome de *pormenor* quando, em vez dum rosto humano aparece, enchendo o «écran», algum dos seus elementos — por exemplo, os olhos).

Primeiro plano (P. P.) — neste, o actor aparece cortado pela cinta pela margem inferior do *quadro* (ou enquadramento).

Plano americano (P. A.) — o actor é cortado pelo meio das pernas ou pelo joelho.

Plano médio (P. M.) — aqui o actor é visto de pé, e em figura inteira.

Plano geral (P. G.) — neste caso, os personagens estão espalhados num cenário mais ou menos vasto.

Plano de conjunto (P. C.) — é uma associação do plano médio com o plano americano, caracterizando-se pela limitação do espaço abrangido pelo objecto. Este plano é extremamente utilizado.

Podemos dizer que *enquadramento* duma imagem é a delimitação do campo de visão abrangido pela câmara. Este dependerá necessàriamente da posição da câmara de filmar, em relação aos «décors» ou (cenários, na acepção vulgar desta palavra) e aos personagens e ainda da natureza e características da objectiva que se utiliza (visto que, com objectivas de distâncias focais distintos, o espaço abrangido pela câmara também é diferente, maior ou menor consoante os casos).

ENQUADRAMENTO

Da variação destes dois factores — posição da máquina de filmar e objectiva — resultarão, mesmo quando relacionados com igual assunto, personagens ou objecto, os mais variados equadramentos. Assim, a câmara tanto pode abranger a vasta paisagem que se vê do alto dum monte como aproximar-se tanto quanto «desejar» dum objecto, isolando-se do espaço que o envolve. E na verdade, um filme não é mais do que a sucessão duma série de imagens ou planos, com uma determinada duração e enquadrados com rigor.

H. Agel dizia «não é sòmente uma finalidade estética que deve preocupar o realizador. Um enquadramento judicioso rá a uma cena o seu mais alto grau de eficácia dramática».

O espectador, vendo este enquadramento vivo, destacar-se sobre o fundo sombrio duma sala obscurecida, capta, com muito mais fidelidade, a beleza ou a tragédia, daquilo que se lhe mostra. A sua atenção, em vez de se dispersar no espaço, concentra-se num feixe luminoso que se dirige para o rectângulo do «écran». Assim, o mesmo «écran» torna-se, por sua vez, um mundo visto em profundidade e, no qual, o espectador penetra (...).

(Continua na pág. n. 14)

4.325 Milhas

com o

Partida de Lisboa, cheia de alegria, capas a acenar, — saída da barra — bom tempo. Pouco depois da saída, tivemos o ensejo de contactar com a Direcção do Orfeão que amàvelmente veio ao nosso camarote comprimentar-nos.

Recomendados pela Exma. Administração da Companhia, íamos tentar que a viagem decorresse o mais confortável possível. Seguiam todos na classe popular.

Fizemos à Direcção os primeiros convites, surgiras os primeiros esboços do que iria a ser uma das viagens mais agradáveis da minha vida de marinheiro.

Madeira — com toda a sua beleza: Ida a terra, estadia com tempo para passeio e jantar.

No dia seguinte, as Canárias à vista. O primeiro almoço na primeira classe, cheio de alegria com grande contento nosso e dos passageiros.

Baile à noite — gentilíssimas senhoras do Orfeão dando beleza e alegria ao nosso baile. Nos dias seguintes continuação dos almoços, alegria no salão da primeira classe a jorros!

A «VOZ DO PORÃO» clama «tinta»; mais «tinta» é fornecida.

Orfeão Universitário do Porto

Bailes, récitas, fados, almoço e festa memorável na classe popular.

S. Tomé — Ida a terra, calor.

As capas e batinas são quentes!

No dia seguinte, visita do Rei Neptuno. Quem ousa cruzar o equador sem licença minha?

O «Cantinflas» passageiro da classe popular é atirado vestido para a piscina, outras e outros caiem na água.

Luanda — Ida a terra.

No dia seguinte, esgotadas as 4352 milhas marítimas, o Orfeão tem que desembarcar — Lobito.

Gostaríamos de dobrar o número de milhas, mas impossível, embarcaram sòmente para percorrer esse número de milhas.

Despedidas a bordo.

Largamos do cais, surpresa; que provas de finura e de amabilidade iríamos assistir!

O Orfeão em peso a bordo dum «ferry-boat» que se aproximou do nosso navio que, entretanto largava do cais para aproar à saída do porto.

Durante um percurso de cerca de três milhas, assistimos comovidos e gratos ao espectáculo: de um lado, capas a acenar, saudações; do outro, lenços brancos fustigando o ar, bandeiras a tremular.

Apitos, paragem do nosso navio para assim poder ser acompanhado pelo «ferry-boat». Mais apitos, mais saudações. Um nunca acabar! Inédito! nunca o Lobito tinha assistido a uma despedida tão «forte» e comovente! A sua marginal e a Restinga estavam cheias de pessoas que assistiam.

Saímos do porto com lágrimas nos olhos.

Nunca poderemos esquecer. Obrigado Orfeão Universitário do Porto.

Tio Raúl

Programa Radiofónico do OUP

É com uma alegria compreensível que nos referimos aqui ao Programa Radiofónico do Orfeão, por várias razões e mais uma, e essa é que há pouco tempo ele festejou o seu primeiro aniversário...

No passado dia 29 de Outubro, foi para o ar o 26.º programa, o que significa que 26 quinzenas passaram já sobre o dia em que tão hesitantemente «saímos para o ar» a primeira vez, não obstante as «animadoras» palavras de alguns de nós auguravam um tristíssimo fim.

Estes 26 programas, aparentemente pouco significativos se olharmos ao simples número em si (as más línguas dirão que qualquer estação emissora faz o mesmo em 26 dias, ou menos) são no entanto bem expressivos, se forem tomadas em conta as dificuldades de quem nunca se tinha visto em tais assados e teve de repente de se transformar em produtores, locutores (o que é pior) simultâneamente em «escritores» do programa. Aí, realmente, é que está a maior dificuldade.

Quando há um ano nos abalançamos a pôr em prática a ideia que há muito existia, contámos, na nossa ingenuidade, e boa-fé, com a colaboração que nos seria dada, se não do exterior, pelo menos de dentro do Orfeão.

É com profunda tristeza que confessamos termo-nos enganado, pois, na verdade, se a mesma meia-dúzia de orfeonistas do princípio não continuasse ainda agora a espremer quinzenalmente os miolos para arranjar texto e música para meia hora de programa, A VOZ DO ORFEÃO teria já deixado de se ouvir nas ondas da rádio.

O entusiasmo que, no nosso [illegible] velhos do Orfeão, chegamos a pensar que o programa despertaria, já que nos abria uma nova dimensão na nossa actividade, já que a Voz do Orfeão passava a ser ouvida mais longe e por mais gente, já que era mais um passo para o engrandecimento e projecção do nosso Orfeão, esse entusiasmo foi traduzido ainda há pouco tempo por um orfeonista que, um ano após o início do programa, não sabia sequer da sua existência.

Não foi certamente por falta de publicidade, nem tão pouco porque a sua transmissão se efectua a uma hora tardia. Não hesitamos em afirmar que 80 % dos orfeonistas (e estudantes em geral) estão perfeitamente acordados à meia-noite e meia hora da madrugada.

Concordamos que seja tarde para os antigos, hoje com o seu trabalho e uma família, e que por isso também eles tenham falhado com a colaboração que lhes pedimos e tão necessária seria.

Para os novos, porém, de sangue na guelra e olho desperto, não será essa a razão.

Julgámos nós, que já somos orfeonistas há «alguns» anos, que não seria possível alguém entrar para o Orfeão e não manter um interesse permanente por todos os assuntos que com ele estejam relacionados.

Julgámos, mas enganámo-nos redondamente, e para isso bastou ver o desinteresse absoluto que os orfeonistas em geral (excepção seja feita a alguns em particular) manifestaram pelo programa que, bom ou mau, afinal, é também seu.

Fica só em aberto a questão de saber se fomos nós os velhos que não soubemos educá-los, ou se são eles que não merecem pertencer ao Orfeão.

Lamentamos que, inclusivamente, a colaboração que sempre prestam os ouvintes de qualquer programa, fazendo pedidos e sugestões, tenha vindo até agora inteiramente de estranhos ao Orfeão, da massa anónima que nos ouve, esporádica ou habitualmente, pouco interessa ao caso.

Vem a propósito lembrar que sem a colaboração inestimável de CARLOS SILVA na sua «Ulmita Hora», onde o nosso programa é transmitido e de JOSÉ FORTES, que pacientemente superintende nas questões técnicas, nunca teria sido possível materializar a ideia surgida. E essa colaboração é [illegible] de realçar, quanto não vem de nenhuma remuneração ou interesse, mas sim de uma amizade simples ao Orfeão e quanto nunca ao Orfeão estiveram ligados nem para com ele contraíram quaisquer obrigações.

Não queremos deixar de aproveitar esta oportunidade para pedir mais uma vez que colaborem com o Programa Radiofónico do Orfeão, quer sugerindo quaisquer modificações que possam parecer interessantes, quer (e principalmente) escrevendo textos, de preferência onde possa notar-se alguma daquela graça académica que todos tanto apregoamos, mas que tão rara, ao que parece, vai ficando.

Para os antigos orfeonistas, especialmente, queremos lembrar-lhes que numa das rubricas — PRESENÇA DO PASSADO — pretendemos contar factos curiosos e engraçados, que não faltam sem dúvida no seu passado, que é como quem diz, no passado do Orfeão.

Dos «velhinhos» é que essa colaboração pode vir e ainda não perdemos a esperança de que virá.

[illegible] no que diz respeito a ouvirem o programa, enfim... não nos digam que de vez em quando não podem fazer o sacrifício de ficar a pé até à meia-noite e meia hora de cada quarta-feira) (ou mais exactamente 0 h, 30 m de cada quinta-feira) de quinze em quinze dias...

Oxalá que neste segundo ano de A VOZ DO ORFEÃO que iniciamos agora, possamos contar com a colaboração de todos os orfeonistas, velhos e actuais, para que não venha a morrer uma iniciativa cujo único fim é o de tornar ainda maior e melhor a já grandiosa obra que outros nos legaram — O NOSSO ORFEÃO.

BARROS LEITE

OIÇA O PROGRAMA RADIOFÓNICO DO O. U. P.

De quinze em quinze dias às 0 h e 30 m na noite de Quarta para quinta-feira, no **«Programa última hora»** nos E. N. R.

O próximo tem lugar no dia 18 do corrente.

P O E S I A

ESPERANÇA NOVA

Esperanças gastas em sonhos que sonhei,
Tão apagados
Numa névoa hostil de esquecimento,
Voltai!
Voltai a dar-me a vida que vos dei!
Eu quero ter esperanças outra vez,
Quero ser livre como o vento
E voltar a sonhar;
Quero voltar a correr em pensamento
Pelo azul do céu!
Mas esperai!
Deixai que seja eu
A escolher os sonhos que quiser;
Deixai-me desenhar a mim
Os contornos de um corpo de mulher
A meu gosto...
O seu rosto
Deve ser totalmente desconhecido...
Eu quero ter esperanças outra vez,
Mas tudo o que pertencer ao passado
Que se desfez
Deve transformar-se
Num caos de coisas sem sentido.

B. R.

MORREU ?

Um irmão quis ficar,
De vontade mesmo.
Raio, o aroma da terra
Entranhava-se-lhe nos ossos!

Os irmãos tinham pena!
O teimoso não queria ser doutor.

Consolávam-no nas férias
Com uns bolos doces...
O nosso Manél!
Casa-te homem!

Os anos passaram depressa
Tão bem instalados na vida,
Os seus irmãos!

De contente o Manél,
Morreu mais depressa.

Mas o teimoso,
Quis ser enterrado lá!
Na courela que formou os irmãos.

Chaga

TEMPESTADE

Chove e troveja. Além, núvens escuras
Correm no Céu, em estranhas cavalgadas,
Como um tropel de fúrias, desgrenhadas,
Bordando apocalípticas figuras.
Esta chuva que tomba das alturas,
Correndo p'las vidraças encharcadas,
Traz-me à ideia faces maceradas
Por lágrimas ungidas de amarguras
Num misto de despeito e de triteza,
Fito invejosamente a Natureza
Que em chuva exprime sempre a sua mágoa.
Eis senão quando noto, cheio d' espanto,
Que tenho, enfim, o olhos rasos d'água!

Flávio Serzedello de Oliveira

«Do Apelo do Não Eu»

Quero ser o que não sou. Pedra. Gelo. Chamamento sem chamar. Sofrer, e não revelar. E tudo isto se me escapa. Fazendo sofrer. A dor. Que me arrebata, sem limites, porque não sou limitado.

Voo sem voar. Porque o que de mim físico se vê está ausente do «eu», do que afinal sou. Sou o que não quero ser, existo no que não é existência. Para quê, afinal?!

Dar-me até ao infinito e reduzir-me ao nada. Como é belo, em tais momentos, o que ele representa. A aniquilação. Porque do aniquilar dependo. Só deste modo me libertarei.

Libertação?!

Utopia inglória do vagabundo dos sonhos, dos sonhos que se desmoronam a cada volver do olhar.

E eu fico. Do nada resto!

A felicidade, como edificação inexistente, a cada momento cai. Sem fragor, quase delicadamente, num esgar irónico de clínica e mal reprimida maldade.

Porque me metem a cada hora, fazendo-me supor que ela existe?!

Os momentos são secundinos, deles só resta a ilusão...

A ilusão de momentos! Falsa realidade...

Quase de repente me cerceam o que resta da ilusão. Só. Só no meio de muitos porque ignoro a sua vivência.

Um ser só existe, qual prisma através do qual olho e sinto.

Vejo sem ver.

A Dor.

No eu que não existe. Mentira de mim mesmo.

Só.

E todos se riem. Podre ilusão dos insensatos. Que fere por tão acerada de desprezo, de egoísmo...

O egoísmo sem rumo exacto dos incapazes. Falso e vero. Ao mesmo tempo.

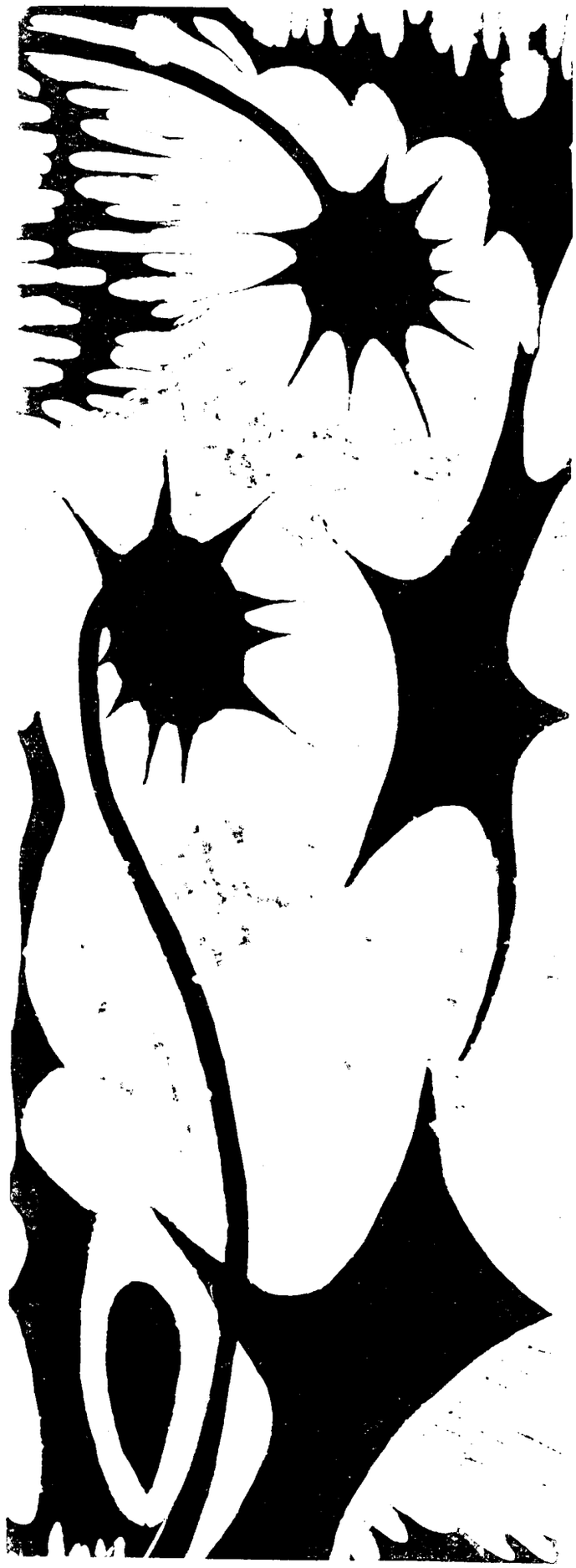
Viver umas horas. Os livros e eu.

Sem ti. Porque de mim estás longe. Repara. Campo vêrde. Botas cardadas. Um globo ancho de vento. Multidão ulutante. Primitivismo. Dispersão dos que têm medo de se enfrentarem.

A expressão íntima da covardia dos fortes!

E tu. Estás lá sem estar. Porque sei, estás aqui. A tua imagem resta comigo.

Joaquim Guimarães



FÉRIAS

O Outono chegou já com os seus dias dourados, que nos convidam à recordação. É assim que hoje pego na caneta e vou desfolhando o livro da vida até encontrar o capítulo do último Verão.

Recordo-me bem. Tudo começou numa alegre manhã de Agosto, em que treze jovens esperançosos, partiram para esse país tão na ordem do dia: a França.

A viagem iria ser cansativa, mas isso não contava, só ao pensar na experiência maravilhosa que íamos viver. Nesse momento, exactamente como nós, jovens de outros países caminhavam para um destino comum: *chantemonde*.

Chantemonde, palavra sugestiva de um mundo feliz e irmão, concretizou-se numa vida comum durante vinte dias inesquecíveis. Contactamos uns com os outros, primeiro, com uma certa curiosidade, e, por fim, com toda a naturalidade. Muitos países estavam representados, desde a alegre Itália à misteriosa Índia, da gaiata Espanha à calma Inglaterra, da industriosa Alemanha ao poético Portugal, do sacrificado Vietnam à viva França.

Apesar das dificuldades de linguagem (porque os mais novos normalmente só sabiam a língua do país de origem) entendemo-nos muito bem. A amizade dispensa as palavras...

Trocamos conhecimentos e não havia já ninguém que não soubesse dizer qualquer coisa nas outras línguas, quanto mais não fosse «sim» e «não». Aconteceu-me inúmeras vezes ao ouvir o meu nome responder «Ja... yes... oui...» e afinal ser em português que me chamavam!

É engraçado verificarmos como há pequenos factos que para nós são naturais e que os outros acham disparatados, ou então o contrário.

Um dia, visitando a cidade de Le Puy, sob um sol ardente, já cansada de tanto andar, uma das alemãs, como os sapatos a incomodassem, descalçou-se e muito naturalmente continuou assim a passear na cidade!...

Por sua vez, quando os alemães viram duas portuguesas a cumprimentarem-se, beijando-se, abriram imenso os olhos e riram às gargalhadas... Só depois é que soubemos que o facto de duas raparigas se beijarem era incrìvelmente ridículo na Alemanha! Mesmo as crianças, a partir de certa idade, cumprimentam os pais com um aperto de mão!

No segundo domingo da nossa estadia, resolvemos realizar uma grande «keremesse», tão em voga nas aldeias francesas. Para isso, começamos por convidar os habitantes da aldeia e regiões vizinhas; prepararam-se bolos, montaram-se estrados, contratou-se mesmo um conjunto musical e uma banda, e o resto da festa foi deixado à vontade e imaginação de cada país.

Portugal apresentou danças regionais, com trajo mais ou menos a preceito, e alguns cantares da nossa terra. Além disso, resolvemos montar uma pequena tenda onde vendemos galinhos de Barcelos, que não sei por que feliz inspiração resolvemos levar, trabalhos manuais, pinturas, trabalhos em barro, etc. O lucro reverteu a favor de Chantemonde.

Um dos números mais engraçados foi apresentado pela Alemanha em colaboração com a França. Tratava-se duma paródia aos célebres detectives Dupond e Dupont, das aventuras de Tintin.

Salientou-se também outra actuação alemã, mas desta vez de música. Melodias em flauta, tocadas pelas duas mais novinhas, conduziram-nos às altas montanhas bávaras onde a vida decorre entre pedras e céu...

A Espanha foi muito feliz em apresentar uma toutada (o touro era o Paco!) pois em breve toda a assistência gritava «olé», entusiasmadíssima.

O dia, para mim, terminou com chave de ouro quando ofereci um galinho de Barcelos a um dos miúdos alemães, conquistando assim definitivamente a sua amizade. Nunca esquecerei a expressão dos seus olhos azuis quando, maravilhado, me agradeceu em alemão; mas mais encantada fiquei quando, depois de ter estado com os amigos, veio a correr agradecer-me em francês!

Com o decorrer do tempo começamos a preocuparmo-nos com os problemas de cada país, ou a congratularmo-nos com cada um dos seus passos de avanço. Um facto que me sensibilizou profundamente, foi o de ao chegarmos a Chantemonde, nos terem perguntado a terrível extensão e repercussão nas famílias, do desastre do comboio, de Custóias.

Entre nós havia maneiras diversas de encarar a vida, diversos credos e diferentes opiniões políticas. Mas para além de tudo isso, estava o facto de possuirmos a Juventude e de pertencermos à natural comunidade dos Homens.

Agora, que vejo os acontecimentos através duma nova dimensão, o tempo, posso dizer que conseguimos o fim que nos propunha o lema de Chantemonde:

«Filles et garçons, venus de touts pays, ensemble nous formons une chaime d'amis».

S. R.

O Plano e o Enquadramento

(Continuação da página 9)

Este novo espaço, na aparência mais reduzido, multiplica, na realidade, a força e a amplitude das impressões.

Com efeito, muito cedo, o cinema permitiu renovar e enriquecer a percepção da realidade, graças a uma gama de plano — *Escala espacial de planos.* — Designação que abarca os diferentes tipos de enquadramento a que nos referimos ao considerar os diferentes planos (plano geral, plano de conjuto, etc.) que possibilita uma verdadeira *orquestração* da realidade (a palavra *orquestração* não é aqui utilizada como mera ilustração literária; tem, como adiante veremos, um significado próprio, do ponto de vista cinematográfco).

No teatro, e, mesmo na vida quotidiana, vemos sempre uma cena, ou objecto, dum ponto uniforme e estético, permanecendo a nossa percepção sempre a mesma. Pelo contrário, no cinema, podemos ver uma cena, ou facto, segundo os ângulos mais diversos e variáveis, de acordo com a posição da câmara e sua proximidade ou, afastamento em relação ao assunto filmado (e igualmente da dependência da objectiva utilizada), vendo nós o fragmento de realidade que nos é mostrado, segundo um enquadramento (que é susceptível de variar constantemente, porquanto a linguagem fílmica comporta — como sabemos — um sem número de planos, abrangendo uma escala que vai do *plano geral ao pormenor.*

O pormenor ou muito grande plano (M. G. P.) mostra-nos, como a sua própria designação sugere, pormenores que interessam para o desenvolvimento da linha de acção dramática do filme, ou que ilustram, esclarecendo-a, uma dada situação. Um olhar espectante e inquiridor através duma fechadura, a arma do crime que dentro de momentos entrará em acção (tão frequente em filmes policiais) ou a rosa que se desfaz, caindo as suas pétalas uma a uma, como símbolo poético do termo dum sonho feliz ou dum amor impossível, eis outros tantos exemplos da função dramática do plano de pormenor.

Não se pense, porém, que o realizador é senhor absoluto dos segredos da sua arte, permitindo-se colo-objecto, ou assunto, a filmar, fazendo variar o enquadramento quando e, como entender, etc.

O realizador — verdadeiro autor dum filme — não é senhor absoluto senão na aparência. Pelo contrário, todo o seu trabalho é limitado pelas leis da linguagem cinematográfica ou, por outras palavras, pelas exigências da construção dramática.

É, articulando exactamente com os diferentes tipos de enquadramento, a duração dos planos, etc...., que o realizador constrõe o filme, tendo em atenção um certo número de circunstâncias. Vejamos pois, qual o critério que preside a essa articulação dos planos.

Assim, em P. G. (plano geral) comportará a ampla visão dum vasto conjunto natural como, por exemplo, um grande vale, uma multidão aglomerada ou, pelo contrário, alguns personagens perdidos, num grande cenário. Geralmente os filmes épicos e de aventuras, movimentando grandes massas de figurantes e, dando um grande predomínio à acção, comportam um elevado número de planos gerais. Mas, a integração dum personagem na natureza, pode também ser sugerida por um plano geral.

O P. C. (plano de conjunto), situa os personagens no cenário, variando as suas características, os seus efeitos dramáticos e expressivos, — como se compreende, — com a natureza da acção e do «décor».

O P. M. (plano médio), isola numa parte do cenário um grupo de personagens, vistos de pé, ou um elemento particularmente expressivo, do cenário; o P. M. corresponde já a uma maior concentração da atenção. Isto, explica não só, a importância do P. M. para a definição dos personagens, como para estabelecer, aos olhos do espectador, as relações que entre elas possam existir. De importância dramática, mais vincada que o P. G., — pela subtileza da sua valorização expressiva —, natural é que, o enquadramento se revista, no P. M. duma especial importância.

O P. A. (plano americano) cortando os actores pelo meio das pernas ou, pelo joelho, aproxima o espectador da intimidade dos personagens, valorizando

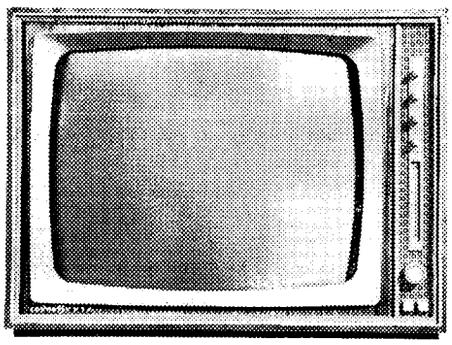
(Cont. na pág. 14)

SUPER QUALIDADE EM RÁDIO
E TELEVISÃO

Quem OPTA por OPTA, OPTA melhor

LOEWE OPTA

UMA GRANDE MARCA ALEMÃ



O Plano e o Enquadramento

(Cont. da pág. 13)

o diálogo e as relações psicológicas, que os unem. O seu efeito, é, muitas vezes excepcional, quando associado ao P. C. sobretudo com o aumento da profundidade de campo *valorização dramática* dos dois últimos planos do espaço abarcado pela objectiva) traduzindo com grande expressão a tensão psicológica existente entre os personagens (Othelo de O. Welles).

Todavia, uma articulação mais subtil, do ponto de vista psicológico e dramático, é introduzida pelo P. P. (primeiro plano). *(Diário dum Pároco de Aldeia* e *Fugiu um Condenado à morte)* são exemplos de filmes onde a frequente utilização do P. P. muitas vezes associado ao P. A. cria uma atmosfera de intimismo e de vibração emocional que nos levam a participar do próprio mundo dos personagens duma forma excepcionalmente bem idealizada.

O G. P. (grande plano), enquadrando o rosto do actor — (a parte nobre da sua expressão) — foi muito utilizado nos tempos do cinema mudo, pela sua enorme força expressiva e para realçar o estado de alma de determinada personagem, traduzindo-se, regra geral, por um jogo fisionómico que tentando ser, a um tempo, expressivo e elucidativo, muitas vezes caía na ridículo. Há já G. P. notáveis em *Olhos da Alma,* filme português de 1923, interpretado por Eduardo Brasão. Hoje, embora de emprego menos frequente do que nos primeiros tempos do cinema, o G. P. utiliza-se sempre que é necessário sublinhar fortemente o carácter dramático ou poético de retedminado plano. Tornou-se clássica na história do cinema, a utilização esplendorosa dos G. P., na sequência do julgamento do filme *(A Paixão de Joana d'Arc Carl Dreyer).* Com o G. P., toda a força expressiva do rosto humano ilumina o «écran». E uma lágrima ou um sorriso surgem, diante dos nossos olhos, elevados a uma potência emocional tão viva que, só por isso — (para nos apercebermos da tristeza duma lágrima ou da beleza dum sorriso) a existência do cinema se justificaria.

PINTO LEITE

PASTELARIA — CONFEITARIA

CHAIMITE

de

ANTÓNIO FERNANDO DE CARVALHO

SALÃO DE CHÁ

P. MOUZINHO DE ALBUQUERQUE 44/46 PORTO
TEL. 64325

Novos Doutores

Caros leitores: não vos admireis com o que ides ler! É «apenas» a lista dos nossos Colegas Orfeonista que, no passado ano lectivo, completaram as suas licenciaturas.

Não é nossa intenção fazer propaganda das qualidades «pedagógicas» do Orfeão mas, simplesmente, deixar bem expresso o nome d'«Aqueles que por obras valerosas se vão da lei da morte libertando»...

Adrião Pinto da Fonseca
Fernando Peres
Júlio Santos
Gabriel Lopes
José Pereira Lopes
Luís Tomé Gouveia
Maria Helena Severino
Joaquim Saraiva
Alice Reis Costa
Dulce da Conceição Costa
Mário Cramez
Raúl Lopes
Sebastião Carneiro
Visvalde Delgado
Edite Campos
José Trigueiros
Maria Amélia Melo
Maria Ermelinda Bragança
José Sousa Ferreira
Odete Isabel
Otília Dias dos Santos

A estes Colegas a Revista «ORFEÃO» deseja uma vida tão cheia de alegrias e de êxitos como os que encontraram na sua vida orfeónica.

Leia e divulgue

a

Revista "Orfeão"

AGÊNCIA EDITORA

AUG. VALENTE, SUCR.ª

REPRESENTANTE DAS CASAS EDITORAS DE PARIS:

LIVRARIA MALOINE, LIVRARIA LAROUSSE E ARISTIDES QUILLET

R. DA FÁBRICA, 38-3.º.-.SALA 37
TELEF. 20785 . PORTO

Discos gravados pelo OUP

Iniciando as suas gravações comerciais em 1960, com a edição de um disco da Orquestra de Tangos, e dado o êxito que esta iniciativa veio a ter, retomou o O. U. P., passados quatro anos, a sua actividade de gravação, tendo sido editados no último ano três discos mais, respectivamente da Tuna do Orfeão, Conjunto de Moruas e Coladeiras de Cabo Verde e novamente da Orquestra de Tangos.

O sucesso e a popularidade que algumas das gravações alcançaram, e não podemos deixar de abrir um parêntesis

para citar «Amores de Estudante» de autoria dos antigos orfeonistas Dr. Areliano da Fonseca e Dr. Paulo Pombo, faz pensar numa futura gravação a realizar pròximamente pela Tuna, onde figurará um novo tango dos mesmos autores de «Amores de Estudante».

Aproveitando o ensejo desta referência e procurando satisfazer muitos pedidos, transcrevemos a letra do tango «Amores de Estudante», que apesar de já ter sido publicada numa revista transacta, tem sido insistentemente solicitada. Não deixamos igualmente de lembrar que todos os discos gravados se encontram à venda na nossa Sede, à Faculdade de Letras.

Mano a Mano
Cumparsita
Camiñito
Adios Muchachos
Silêncio
Yira... Yira
Uno
Rodriguez Peña

Amores de Estudante
Suite Académica
Clavelitos
S. Cente
Cinturão Tem Mel
Sabino
Baptista de Sousa

Letra do TANGO

AMORES DE ESTUDANTE

I

São como as rosas dum dia
Os amores de estudante
Que o vento logo levou.
Pétalas emurchecidas
Deixam no ar o perfume
Dum sonho que se sonhou.

Capas negras de estudante
São como asas de andorinhas
Enquanto dura o Verão:
— Palpitam, sonham uns instantes,
Aninhadinhas nos beirais
Do Palácio da Ilusão!

II

Os amores de estudante
São franjas de ondas do mar
Que os ventos logo varreram.
Enchem a vida uns intantes,
Logo descem, depois morrem,
Mal se sabe se nasceram

Mocidade, oh Mocidade,
Louca, Ingénua, generosa
E faminta de Ilusões,
Que nunca sabe os motivos
De quanto queira o capricho
Ou lhe diga o coração!...

CORO

Quero
Ficar sempre estudante,
P'ra eternizar
A ilusão dum instante
E sendo assim,
O meu sonho de amor
Será sempre rezado
Baixinho dentro de mim.

Reportagem

Só neste número se faz alusão ao Sarau que o OUP realizou em Lisboa, a 18 de Abril do ano findo, por ser esta a primeira Revista publicada após o referido sarau. No entanto, porque entendemos que se trata de uma jornada notável na vida do OUP, não queremos deixar, de rabiscar algumas notas sobre o acontecimento, não obstante o atraso que as acompanha.

Pela segunda vez colaborou o OUP com a Liga Intensificadora da Acção Missionária, a quem foi destinado o rendimento do espectáculo; a primeira vez havia sido em 1960 e, a exemplo dessa, não podemos deixar de anotar a organização atenta e pormenorizada de que se revestiu a acomudação e estadia em Lisboa dos 130 orfeonistas que o OUP fez deslocar.

Assim, após o almoço do dia 17 de Abril, partiu da nossa cidade, destino à Capital, a caravana orfeónica — era cerca de meia-noite quando as 3 camio-

Sarau do OUP

netas chegaram ao aeroporto de Lisboa. Ciente da responsabilidade que tal espectáculo exigia, o Orfeão havia feito uma viagem repousada e sem excessos, à laia de estágio que antecede uma cartada decisiva... E não foram vãos os resultados desse sacrifício, se assim lhe podemos chamar.

Na noite de 18 de Abril, com a assistência de S. Ex.ª o Presidente da República e de S. Ex.as os Ministros da Educação Nacional, Ultramar, Corporações e Interior e com o Pavilhão dos Desportos de Lisboa repleto de gente, levava o Orfeão a cabo uma récita

memorável, que mereceu os mais altos elogios da Imprensa Lisbonense e de todos quantos a ela assistiram.

Apesar das condições pouco satisfatórias, de palco aberto e a acústica deficiente, foi com os espectadores a aplaudir de pé e investindo em «bis» que o OUP terminava esse histórico sarau.

Corpo Coral numa noite feliz, os Fados a agradar, as Danças e os Tangos a serem solicitados a continuar em palco, a Tuna a bisar e a graça académica a agradar plenamente, chegou-se ao fim de um espectáculo, que pelo modo como correu, fez nascer

em Lisboa

uma espontânea alegria, que ràpidamente contagiou a assistência — foi entoando as suas tradícionais cantigas, fazendo «Sidinhas» e franca euforia, que os orfeonistas se dirigiram para uma dependência do Pavilhão onde lhes foi servido, continuando presentes os Ex.mos membros do governo que haviam assistido ao sarau, uma ceia, que quando foi, pelos últimos abandonada, passava das 4 da manhã.

Após esta ceia, alguns foram a um baile realizado pelos Universitários de Lisboa, outros ouvir fado, dizem que quatro colegas... foram dormir.

O Orfeão abandonou Lisboa contente com o sucesso alcançado, como contente ficou o público da Capital e a LIAM com a realização levada a cabo. Cremos passar a poder contactar com Lisboa mais amiúde — oxalá continue a manter o crédito artístico que tão bem foi firmado!

Página de Fotografia

Conselhos úteis para tirar fotografias

COMO FAZER GRUPOS

A maioria dos fotógrafos, quando pretendem fotografar um grupo, só se preocupam em alinhar as personagens à frente da objectiva, desprezando quase sempre arranjar um fundo interessante que lhes lembre mais tarde onde a fotografia foi feita.

Acontece, por isso, que a maior parte dessas fotografias se parecem umas com as outras, tal a semelhança das atitudes e das expressões das pessoas retratadas.

Se nos encontrar-nos em frente de um grupo já formado, a fotografia torna-se muitas vezes mais interessante se evitarmos tanto quanto possível que as pessoas se desloquem das suas posições, devendo, antes nós escolhermos aquela que melhor nos convenha para dispararmos o aparelho fotográfico.

Se, pelo contrário, virmos um recanto de paisagem que nos seduza, ou um local pitoresco que queiramos aproveitar para fundo, procuraremos que as pessoas se coloquem o mais naturalmente possível, evitando que a sombra de alguma se vá projectar sobre qualquer outra, e em posição tal que permita ver-se um pouco do local onde se encontram.

ORIENTAÇÃO DA LUZ

Há uma coisa que o fotógrafo deve evitar sempre: fotografar as pessoas ou qualquer outro motivo, com a luz baixa incidindo absolutamente de frente.

Os clichés assim obtidos apresentam-se pouco contrastados devido à ausência de sombras.

Se a luz vem de frente e de cima, devemos desviar-nos levemente para que esta incida um pouco a três quartos, pois assim evitaremos sombras verticais sempre desagradáveis, especialmente tratando-se de retratos. Quando estes se fazem com a luz vinda de lado, podemos iluminar a parte que fica na sombra, utilizando a luz reflectida por uma superfície clara. Esta pode ser constituída por um muro ou por uma parede onde bata o sol, por uma toalha, um lençol, etc.

Esta mesma norma deve ser observada quando se queira fotografar pessoas em contra-luz.

Sucede por vezes não podermos escolher a luz como seria nosso desejo, tendo de nos sujeitarmos à existente. Neste caso, deslocando-nos de um lado para o outro, procuraremos tirar o melhor partido dessa luz, escolhendo um local donde nos pareça obtermos o melhor efeito.

ENQUADRAMENTOS

Quando nos preparamos para fotografar um determinado assunto, a primeira coisa que fazemos é enquadrá-lo dentro do visor do aparelho fotográfico. Se nesse assunto aparecem pessoas, deveremos colocá-las de maneira a formarem um conjunto agradável e o mais natural possível.

Se se trata de paisagens, por exemplo, com ou sem figuras, devemos evitar centrar os motivos principais; procuremos que eles fiquem desviados um terço para a direita ou um terço para a esquerda, de maneira a evitar a simetria.

Quanto à linha de horizonte, esta subirá ou descerá conforme a parte do cliché que merecer mais interesse.

As opiniões sobre enquadramentos divergem, de uma maneira geral, de indivíduo para indivíduo, dependendo muito do sentido artístico de cada um, e da sua maneira de ver, pessoal.

CONCURSO DA REVISTA ORFEÃO

Entre as muitas respostas que chegaram à nossa Redacção relativas ao último concurso, tiveram igual pontuação os seguintes concorrentes:

António José Teixeira	**13 pontos**
Manuel António Tavares Pinto	**13 pontos**
Rui Alberto Santos Coutinho	**13 pontos**

Foi sorteado entre eles um disco de 45 r. p. m., com gravações da Orquestra de Tangos do O. U. P.. A sorte foi favorável a

Manuel António Tavares Pinto

que, desde já tem à sua disposição na Administração da Revista «ORFEÃO» (à Faculdade de Letras — Porto) o referido disco.

Aos dois outros concorrentes será atribuido um emblema do O. U. P., para automóvel,

A este concurso podem concorrer estudantes e não estudantes.

I

PROBLEMA

A 3 homens que se encontravam presos foi oferecida a liberdade como prémio da resolução do seguinte problema:

Existiam 5 bolas, das quais 2 pretas e 3 brancas. Nas costas de cada um, seria colocada uma bola. Àquele que demonstrasse a côr da bola que tinha nas costas seria concedida a liberdade. Cada um podia ver a cor da bola que se encontrava nas costas dos outros dois, mas não poderia ver a cor da sua própria bola. Não era permitida qualquer intercomunicação.

Sabe-se que foram todas brancas as bolas colocadas nas costas de cada um. A um dos presos foi concedida a liberdade...

Qual o raciocínio que conduziu, lògicamente, à demonstração da sua resposta?

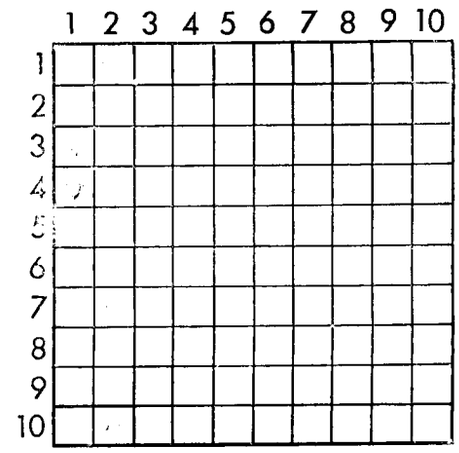
II

«Julguei-me desgraçado porque não tinha sapatos, até ao dia em que se me deparou um homem que não tinha pés».

Quem proferiu esta frase?

III

PALAVRAS CRUZADAS



HORIZONTAIS: — 1 — Ímpios; 2 — Sem valor; 3 letras de emudecer; vogal; 3 — Consoante; vogal; conosante; consoante; consoante; 4 — 3 letras de atenção; fogo; cosoante; 5 — Apontar; número (romano); 6 — Vogal; artigo; que cresce na areia; 7 — Forma do verbo ir; consoante; nome de rio; 8 — Oca; preposição; gume; 9 — Pronome; conjunção; pedra de altar; 10 — Nota musical (pl.); corpos celestes.

VERTICAIS: — 1 — Consoante; 2 — Despido; pronome pessoal; projéctil com que se carregam armas de fogo; 3 — Som de trombeta; artigo (pl.); 4 — Letra grega; numeral (rom.); forma do verbo ir; 5 — Conjunção; 2 consoantes; consoante; preposição; 6 — Principiantes (fr.); 7 — Numeral; oceano; conjunção; conosante; 8 — Grande luz; atmosfera; 9 — Artigo; mesquinho; 10 — Delicadezas.

* * *

As respostas devem ser enviadas à Redacção da Revista «ORFEÃO» dentro de 15 dias, após a publicação.

Os nomes dos concorrentes mais classificados (juntamente com a respectiva pontuação, serão publicados nesta Revista.

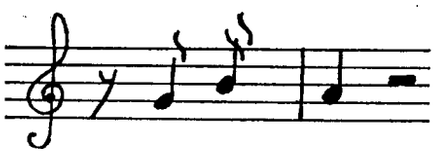
Orfeu · marca dos grandes êxitos

Orfeu · marca dos discos do Orfeão

Arnaldo Trindade & C.ª, L.da

RUA SANTA CATARINA, 117

PORTO



PAUSA

ESTA É AUTÊNTICA

Há já, um bom par de anos, o Orfeão encontrava-se em Lisboa, de regresso de uma digressão. Um grupo de colegas descia a Avenida da Liberdade quando foi abordado por um agente de autoridade que indagou se algum falava alemão, dado que um grupo de turistas pretendia algumas informações que ele era incapaz de fornecer por desconhecimento da língua.

Um dos colegas, solícito, respondeu afirmativamente e, dirigindo-se às turistas, exclamou:

— Telefunken.

As senhoras começaram a sorrir e então ele concluiu, dirigindo-se ao polícia:

— Não são alemãs!...

* * *

Pelo telefone

— Está? É do manicómio?

— Não. Nós nem sequer temos telefone!

UM SOLDADO «ENGRAVIDOU» POR CAUSAS NERVOSAS E O VENTRE INCHOU-LHE COMO O DA MULHER

Separado da mulher logo após esta ter engravidado, um jovem soldado passou a andar tão preocupado que adquiriu uma gravidez nervosa — revela a revista médica inglesa «Discovery», no seu último número.

O ventre do soldado começou a inchar até apresentar exactamente o mesmo aspecto que o de uma mulher em adiantado estado de gravidez. Após numerosos exames, que os deixavam perplexos, os médicos militares verificaram, espantados, que o ventre do rapaz recuperou o aspecto normal, depois do parto da mulher.

O prof. William Trethowan, director do Departamento de Psiquiatria da Universidade de Birmingham, afirma, a propósito que um de cada nove futuros pais sofre de doenças diversas, sem causa física aparente, durante a gravidez da mulher.

* * *

Duas senhoras:

Hó Isabel já viste a nova linha de maridos para 1964-65.

Já mas não gosto! Gosto mais dos antigos. São mais resistentes e não sabem tocar guitarra eléctrica.

PORTO EDITORA, LDA.

LIVRARIA — PAPELARIA

PRAÇA D. FILIPA DE LENCASTRE, 42 — PORTO

Quando necessitar de um bom dicionário tenha sempre presente os **Dicionários «EDITORA»**

Dicionário de Português — 4.ª edição — por J. Almeida Costa e A. Sampaio e Melo, com a colaboração de diversos professores especializados.

Dicionários de Francês-Português — por Olívio de Carvalho — 2.ª edição.

Dicionário de Português-Francês — por Olívio de Carvalho.

Dicionário de Espanhol-Português — 2.ª edição por J. M. Almoyna.

Dicionário de Inglês-Português — pelo Dr. Armando de Morais — professor metodólogo do Liceu Normal de D. Manuel II, do Porto.

Dicionário de Verbos Franceses — pelos Drs. Virgínia Mota, Irandino F. Aguilar e Ernâni Rosas.

DEPOSITÁRIO EM LISBOA: Empresa Literária Fluminense, Lda.

RUA DA MADALENA, 145

PÁGINA FEMININA

COCKTAIL DE GAMBAS E CAMARÕES

Se dispõe de pouco tempo, compre o marisco já cozido. Descasque-o. Ponha-o então em taças de champagne cujo fundo foi coberto com alface cortada miudinha (como se faz às couves que se destinam a caldo verde): Cubra então o marisco com molho de maionese, temperado com umas colheradas de «ketchup», sumo de limão e um pouco de mostarda composta.

Enfeite com uma gamba ou dois camarões grandes por descascar.

SOPA AVELUDADA

4 batatas
2 cenouras
2 cebolas
2 beterrabas
2 cubos de Caldo Royco
2 litros de água
sal

Descascam-se as cebolas, batatas, cenouras, e beterrabas e, põem-se a cozer na água. Passam-se pelo passe-vite ou ainda melhor no agitador eléctrico. Juntam-se os cubos de Caldo Royco e leva-se ao lume. Quando ferver tempera-se com o sal necessário.

DERNIER CRI

ATENÇÃO AOS ACESSÓRIOS...

O género desportivo, tanto para «tailleurs» como acessórios é o que prevalece este ano:

— O tailleur usa-se com guarnições de pele nas golas e nos punhos, cu então borlas e franjas de veludo ou lã.

— O tailleur prático pede uma carteira de pele em tom escuro, de formato rectangular ou arredondado mas grande.

— O azul escuro é a cor da moda para os acessórios. As carteiras e sacos de cabedal ou napa continuam a usar-se à tiracolo.

— Os pespontos, duplos bolsos e fivelas são as guarnições dos sacos deste ano que são muito práticos com forma de baú ou pasta.

— Os cintos são de várias cores, largos ou estreitos, alguns deles formando só um cordão; usam-se também com pespontos largos e adornados com franjas ou argolas e aplicações de metal.

OS LAÇOS

Não se sabe ao certo a origem dos laços. Os tempos modernos consagram-nos, introduzindo-os nos preceitos de beleza e elegância. Vulgarizam-se em vestidos, chapéus, sapatos e cabelos.

Agora, Chanel resolveu inclui-los no guarda roupa da mulher elegante e moderna.

O laço Chanel é feito geralmente com uma fita larga. A autêntica tem de ser de oito a doze centímetros. Não se exclui uma fita fininha nunca porém com largura inferior a dois dedos.

Cabelos curtos ou longos, todos podem ostentar um atrevido lacinho. Nos curtos faz-se um falso «chignon» ou reunem-se apenas as mechas mais longas e coloca-se o laço atrás, no meio da cabeça. Os cabelos longos colocam o laço arrematando o «coque» Chanel. Neste caso o laço fica perto da nuca.

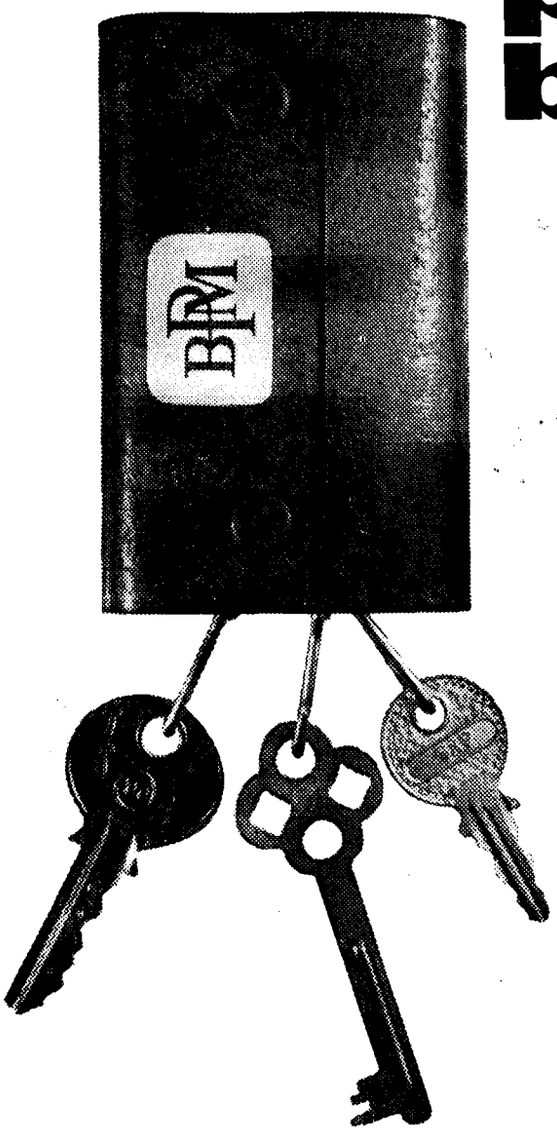
Quanto ao tecido para a noite, veludo e organza são os melhores. Para de dia podem ser em gorgorão de cor viva ou ainda no tecido do vestido.

que interessa é que haja um laço branco ou preto, em veludo ou fustão que seja atrevido e coquete como Chanel inventou.

Ternura do gesto
cansado,
dedos de amor
desfilando rosários
de pérolas
pelo seu rosto
de menino meigo,
menino que também teve um dia
«torre de coral» nos olhos, a
procurar
a procurar,
a procurar,
dedos imobilizando o teu
sorriso:
tesouro, ternura.
Menino meigo.

Marinda de Castro

uma chave para cada problema bancário

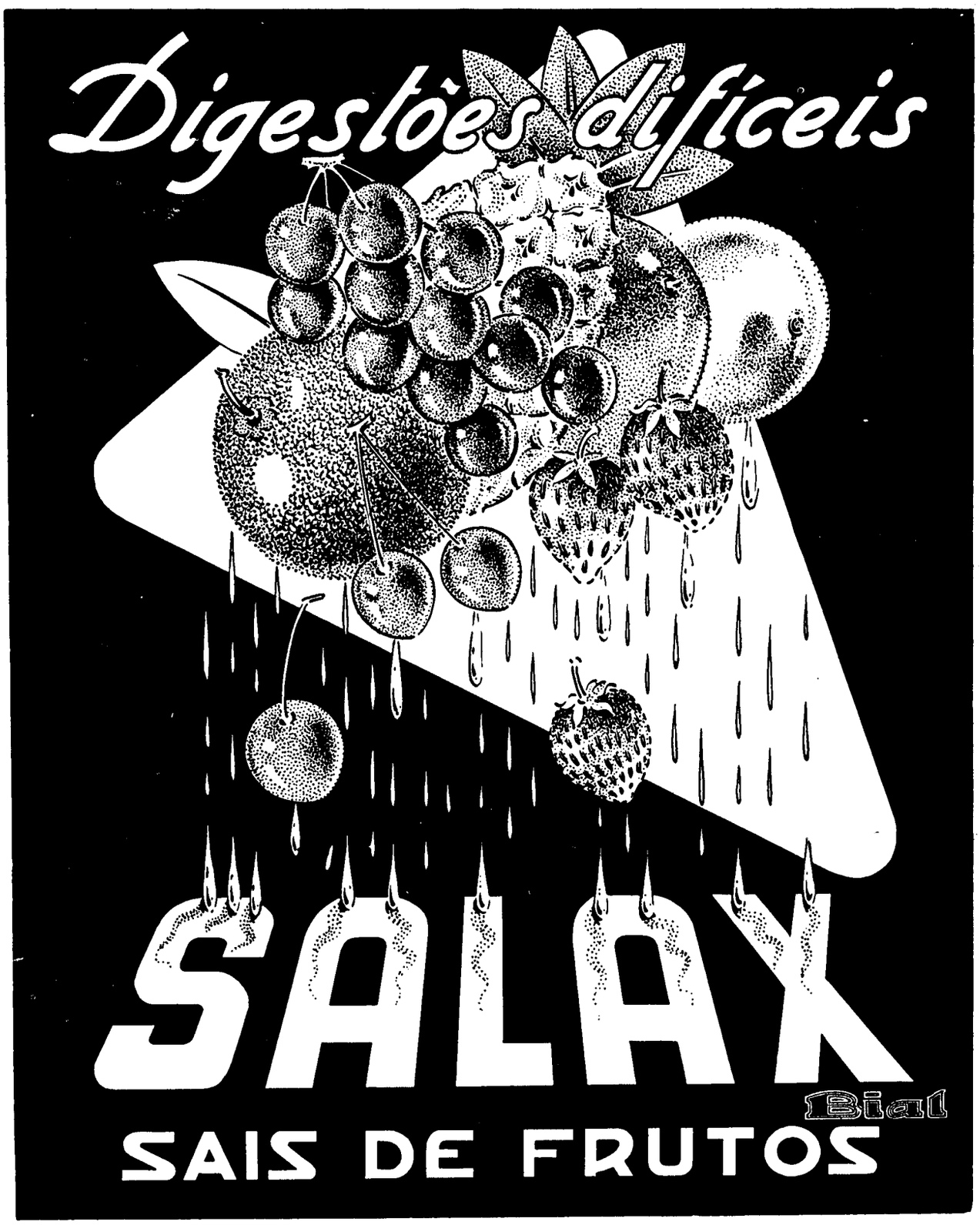


PINTO DE MAGALHÃES

BANQUEIROS

ASSINATURA

1 ano (5 números) — Continentes e Ilhas	10$00
1 ano (5 números) — Ultramar	15$00
Venda avulso	2$50



TIPOGRAFIA DO CARVALHIDO - PORTO — 2/1965